

Está a mudar o fado de

Na Feira do Livro de Bogotá, os colombianos estão a descobrir um país desconhecido, além de Pessoa e Saramago. Foram traduzidas 32 obras num investimento de dois milhões de euros

Livros Isabel Coutinho, em Bogotá

Zeferino Coelho está sentado no sofá do auditório do pavilhão de Portugal, país convidado desta edição da Feira Internacional do Livro de Bogotá (FILBO), para falar da Caminho no espaço lusófono, e alguém da assistência pergunta qual é a importância do futebol na literatura portuguesa. O editor de José Saramago fica uns momentos sem saber o que responder, e diz que para ser sincero não tem importância nenhuma, que alguns escritores são adeptos de clubes mas que isso não se reflecte na literatura do país de Cristiano Ronaldo. Para tentar explicar este desfasamento, lembra-se de explicar que durante a ditadura Portugal era sinónimo de “Futebol, Fátima e Fado”. Logo da assistência uma estudante pergunta: “O que é o fado?”

O investigador e académico colombiano Jerónimo Pizarro, que é o comissário da presença portuguesa nesta feira, sentia há muitos anos que Portugal e a Colômbia eram dois países que se desconheciam. “Portugal e a Colômbia não partilham um passado comum como Portugal partilha, por exemplo, com a Venezuela. Tínhamos todo o espaço para preencher”, explica ao PÚBLICO este especialista em Fernando Pessoa num dos espaços do pavilhão português.

É preciso pagar quatro dólares para entrar na feira (o salário médio no país são cerca de 200 dólares) e dentro do recinto, que tem 51 mil metros quadrados, existem vários pavilhões onde se podem comprar livros, assistir a conferências de escritores, editores, ver exposições, até comer. “O que eu estou a sentir com esta feira é que estamos a passar de não ter nada, a poder ter muitíssimo ou quase tudo. É um bocado a metáfora do que podia acontecer se a TAP fosse comprada pela Avianca, em que passaríamos de nunca ter tido uma viagem directa de Bogotá a Lisboa, a podermos ter

quatro, cinco ou seis”, diz Jerónimo Pizarro, que já tem nacionalidade portuguesa também e acaba de vencer o Prémio Eduardo Lourenço. “Com os livros acontecia o mesmo, na Colômbia não tínhamos praticamente literatura portuguesa. Só os grandes nomes. Luís de Camões já era difícil de encontrar e antigamente havia muito mais livros do Eça de Queirós do que hoje. Temos muito Fernando Pessoa, José Saramago e encontra-se com alguma facilidade António Lobo Antunes. Mas não conhecemos muito mais.”

Sem saber da pergunta da estudante a Zeferino Coelho, Pizarro dá como exemplo o desconhecimento que os colombianos têm da música portuguesa. “Se perguntar a uma pessoa na Colômbia se conhece o fado, ele não sabe o que é.”

32 obras traduzidas

Portanto, foi mais fácil aos organizadores “colocar Portugal na moda”, porque o apresentaram como “um país desconhecido”. “Tínhamos de ter uma oferta literária muito grande porque era um risco gigantesco estarmos a convidar figuras como Vasco Graça Moura, e muitas outras tão importantes, e não termos obras desses autores, alguma coisa já no mercado.” Sete editoras colombianas aceitaram participar no programa de apoio à tradução da Direcção-Geral do Livro dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB) e foram apoiadas 32 obras. “O programa de apoio de tradução foi muito grande. O maior apoio até agora da DGLAB fora de Portugal. E nunca houve um país que tivesse chegado à feira com 32 novidades editoriais. Isso é uma mudança de paradigma e foi uma felicidade termos tantos livros novos para abrir.”

Juan Camilo Sierra é o livreiro que está no pavilhão de Portugal onde os visitantes podem comprar livros em português e espanhol de todas as áreas (literatura, ciências sociais, literatura infantil, culinária, turismo, etc.). A livraria tem 3200 títulos, dos quais 2400 são em língua portuguesa, e tem disponíveis 20 mil exemplares tanto em por-



O público gostou muito do projecto arquitectónico do pavilhão português

“O programa de apoio de tradução foi muito grande. O maior até agora fora de Portugal. E nunca houve um país na feira com 32 novidades editoriais”, diz o comissário

tuuguês como em espanhol (12 mil exemplares vieram de Portugal). Desde o início da feira, a 18 de Abril, e até sexta-feira, venderam na livraria 6067 exemplares. Desses, 3397 eram obras em língua portuguesa, que vieram de Lisboa, e 2070 eram de autores de língua portuguesa em traduções de edições de países de língua espanhola. “É um número muito impressionante.”

O autor português mais vendido na feira tem sido José Saramago. Como Pilar del Río esteve presente, houve um programa específico de exposições e de cinema dedicados ao Prémio Nobel da Literatura por-

tuuguês. “Saramago já era um autor muito bem vendido na Colômbia e foi ainda mais bem vendido na feira.” A loucura por José Saramago é tanta que no final da sessão em que participou Zeferino Coelho lhe vieram pedir para autografar livros de José Saramago, ao que o editor do Nobel, com algum humor, aceitou, escrevendo ‘na ausência do autor...’ No dia em que estava programada a presença de Pilar del Río, a organização colombiana tinha previsto um auditório para 160 pessoas e apareceram 500.

O livreiro Juan Camilo Sierra conta também que se venderam

Portugal na Colômbia



“A livraria está a vender muito mais do que o Brasil. A participação está a ter mesmo muito êxito”, explica o presidente da Câmara Colombiana do Livro

muito bem os livros para crianças e os catálogos da exposição *Como as Cerejas*, que corresponde à presença portuguesa em Bolonha em 2012 e que é uma das exposições de ilustração portuguesa que podem ser vistas no pavilhão. “Esse catálogo teve um êxito enorme na feira”, diz.

O público da livraria do pavilhão português na feira varia: há o especializado, que Juan já conhece, pessoas que todos os anos aparecem e sabem o que procuram, e há o outro público, que vem e adquire por impulso, famílias menos próximas do livro durante todo o ano e

que encontram na feira o grande momento de compra dos livros. No pavilhão português, encontravam-se pessoas como María Pilar Chávez, que ali estava porque é professora de português e até viveu em Portugal, ou estudantes que tinham de fazer perguntas sobre Portugal aos convidados portugueses para apresentarem na escola. Outros, mais velhos, eram alunos da cátedra de português ou do curso de literatura que Jerónimo Pizarro dá na Universidade dos Andes.

Operação “resultou”

Durante o ano todo, Juan Camilo Sierra trabalha no Centro Cultural García Márquez, do Fundo de Cultura Económica, onde está uma ótima livraria. Fora da feira, nessa livraria, uma das mais importantes da cidade, vê-se em destaque em cima de várias mesas todos os livros de autores portugueses que estão disponíveis na Colômbia e também aquelas obras que foram traduzidas agora com o programa de apoio. Se estivessem a importar livros de outros países para a Colômbia, tinham de os vender a um preço muito elevado. “O que uma pessoa tem de pagar por três livros feitos na Colômbia é mais ao menos o que tem de pagar por um livro feito em Espanha e importado. Por isso, até estamos a aumentar as vendas por estarmos a produzir livros no país”, diz Jerónimo Pizarro.

Antes de regressar a Lisboa, José Manuel Cortês, director-geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas na DGLAB, disse PÚBLICO que é “consensual”, entre os colombianos, que esta representação de Portugal “foi a melhor de todas” na FILBO. Os autores portugueses que “aqui estão têm tido nas sessões sempre muito público”, porque “os colombianos são muito participativos e muito activos nas sessões”. A programação está espalhada por toda a cidade e os concertos têm-se esgotado. A operação foi “muito trabalhosa e difícil mas resultou”, continua. Considera que contribuiu para a projecção de Portugal na Colômbia e que os efeitos desta operação ultrapassam o âmbito estritamente cultural. “A presença do autor português tanto na América Latina como aqui na Colômbia era muito reduzida. Trouxemos uma embaixada fundamentalmente constituída por autores jovens, com o programa de tradução e a edição das 32 obras. Temos feito contactos com os editores colombianos para continuar

a haver uma presença dos autores portugueses e alguns até já fizeram contratos e acertaram para o futuro a sua presença no mercado colombiano do livro.”

Mais tarde, quando falámos com Enrique González Villa, que é o presidente da Câmara Colombiana do Livro, que organiza esta feira há 26 anos, e que é o equivalente à Associação Portuguesa de Editores e Livreiros em Portugal, ele disse que Portugal foi um dos melhores convidados pelo carinho e pelo interesse e que o público gostou muito do pavilhão. “Na Colômbia conhecemos os grandes da literatura portuguesa, como Camões, Pessoa, Lobo Antunes (que já esteve nesta feira) e Saramago. Tentámos que Lobo Antunes viesse outra vez mas não foi possível, e à falta de Lobo Antunes veio uma geração de novos escritores portugueses, já que nos interessa muito conhecer a nova narrativa e a nova cultura portuguesa, que talvez seja conhecida na Europa, mas na América Latina tem sido muito pouco conhecido, excepto no Brasil”, diz.

Enrique González Villa lembra que há participantes convidados da feira que nos anos anteriores investiram mais (a participação portuguesa foi feita em tempo recorde, oito meses depois do convite, e representa um investimento global de 1,9 milhões de euros, sendo 800 mil de investimento público), mas o público gostou muito do projecto arquitectónico do pavilhão que foi projectado pelo Colectivo ForStudio (Fábio Neves, Ivone Gonçalves, Luís Ricardo, Ricardo Paulino). O pavilhão de três mil metros quadrados está dividido por espaços que se podem percorrer como se fosse um labirinto, e em que a construção interior respeita “a ideia de linha do horizonte”, cada muro que faz a divisão dos espaços não tem mais do que 1,60m de altura, para que o visitante veja tudo o que está à sua volta.

Souto Moura em streaming

“Os portugueses conseguiram mudar o tecto de um pavilhão [da feira] que é horrível com relativamente pouco dinheiro, foi uma boa ideia de desenho e de montagem. Dedicaram também uma parte importante do pavilhão às crianças num momento em que há uma forte aposta governamental colombiana de incentivo à leitura das crianças. A exposição *Como as Cerejas* é lindíssima. E a livraria está a vender

até agora muito mais do que o Brasil vendeu, por exemplo, no ano passado. Vivemos ao lado do Brasil mas estamos de costas voltadas. A participação portuguesa está a ter mesmo muito êxito”, diz o presidente da Câmara Colombiana do Livro, perguntando ainda se temos visto as filas que se fazem para entrar no pavilhão.

Pizarro explica que deram muita importância à ilustração portuguesa, porque a própria FILBO abria esta edição com um congresso de ilustração. Convidaram quatro ilustradores portugueses (André Letria, Bernardo Carvalho, Afonso Cruz e André da Loba) e trouxeram quatro exposições de ilustração portuguesa.

“A arquitectura foi uma espécie de sorte!”, um bônus, afirma Pizarro. Trouxeram a *Lisbon Ground*, a exposição de arquitectura que representou Portugal na Bienal de Veneza, convidaram vários arquitectos que acabaram por não aceitar, mas conseguiram ter Eduardo Souto de Moura. “O auditório onde Souto de Moura falava tinha espaço para 700 pessoas, era com inscrição prévia e as inscrições esgotaram em cinco horas. Tivemos de abrir mais salas e transmitir a sessão em *streaming*. E facilmente mais de mil alunos de arquitectura assistiram a Eduardo Souto de Moura a apresentar uma retrospectiva da sua obra”, explica Jerónimo Pizarro.

Na sexta-feira foi um dia especial na FILBO, porque entre as seis da tarde e a meia-noite a feira esteve aberta ao público gratuitamente. Calcula-se que tenham passado pelo pavilhão de Portugal entre 60 e 70 mil pessoas.

A exposição que ocupa a parte central do pavilhão português é do escritor e ilustrador Afonso Cruz e retrata autores portugueses clássicos e contemporâneos. Claro que todos os visitantes se fotografam ao pé destes painéis iluminados com Fernando Pessoa e Saramago entre os mais requisitados. Num destes dias, um grupo de freiras estava divertidíssimo a fotografar-se ao lado da ilustração de Padre António Vieira, imitando-lhe a pose. É esse o ambiente que se sente no pavilhão português, que a literatura também pode ser um divertimento. E a festa é também feita com pastéis de bacalhau, queijos, sopa de marisco e porcelanas da Visabeira.

O PÚBLICO viajou a convite da Secretaria de Estado da Cultura